

# V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura  
27 a 29 de maio de 2009  
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

## MEMÓRIA COLETIVA DA RELIGIOSIDADE POPULAR DA FÉ EM “SANTA LEOCÁDIA” DE GUANAMBI - BAHIA

Thiaquelliny Teixeira Pereira<sup>1</sup>  
Edvania Gomes da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** A memória coletiva sobre a morte de Leocádia, em 1890, dos habitantes de Guanambi-Ba e de suas conseqüências a consagrou como santa desse povo. Em meio a um universo cultural, pouco letrado e alimentado pela oralidade, a “Santa Leocádia” sensibiliza os moradores do lugar – universo que compreende a comunidade que vive ao redor de onde está enterrado o seu corpo – e interfere em suas ações. Sem o reconhecimento da Igreja Católica, são eles próprios os responsáveis pela conduta religiosa da comunidade. Uma análise qualitativa da vivência cotidiana desses agentes sociais revela o condicionamento de suas ações pela fé.

**Palavras-chave:** memória coletiva, religiosidade popular, acontecimento discursivo.

### 1. Considerações Iniciais:

Este artigo aborda em parte a cultura da comunidade baiana guanambiense devota de sua “Santa Leocádia” na sua temática religiosa popular, com uma especial atenção à sua memória coletiva. A compreensão do fenômeno em questão, a partir de uma perspectiva inter e multidisciplinar que envolve campos de conhecimento diversos, permite construir uma rede de significados e sentidos para a realidade apresentada. Para tanto, recorreremos, em grande medida, a visão defendida por Thompson (1998)<sup>3</sup> de que, para o entendimento das atuais normas vigentes em uma determinada comunidade, é necessário ter uma compreensão sócio-cultural mais remota desta. Nesse sentido, apresentamos uma breve descrição da história da formação social desses fiéis a fim de compreender seus fundamentos histórico-sociais.

### 2. Sobre a história de Leocádia

---

<sup>1</sup> Discente do *Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), bolsista da FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia), e-mail: thiaquelliny@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística. Professora do *Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Orientadora do projeto de pesquisa que deu origem ao presente artigo, e-mail: edvania\_g@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Neste texto, o referido autor faz um estudo sobre o *costume*, verificando como este se manifesta na cultura dos trabalhadores ingleses no século XVIII e XIX.

A história da cidade de Guanambi atesta a importância que a religião teve em sua construção. No século XIX, o lugar era uma fazenda denominada *Carnaíba de Dentro* e pertencia a Joaquim Dias Guimarães. O local possuía um oratório ao Santo Antônio e, no período das novenas, pessoas da região peregrinavam até a pequena capela para prestar homenagem ao santo. Com o aumento do número de pessoas que visitavam o lugar, alguns ex-peregrinos resolveram construir suas casas no território pertencente à fazenda ao lado do rio Belém e se fixar no local. Foi assim que se formou o arraial de Beija-flor, cujo nome é originário de um ritual religioso praticado na região. Antes de começar a festa, com suas danças, músicas, bebidas e comidas, era necessário beijar o santo, que nesse caso era o Santo Antônio. O beijo simboliza a passagem do culto religioso para a festividade popular. A escolhida para realizar o ritual era uma jovem moradora conhecida como Flor, cuja beleza e pureza eram qualidades apreciadas pelo povo. Antes do ato do beijo, ecoavam palavras de ordem das pessoas inquietas para o início da festa, que diziam alvoroçadas: “beija Flor, beija Flor, beija Flor...”. E, dessa forma, o lugar passou a ser conhecido como Beija-flor, o nome também era enfatizado pelos colibris que freqüentemente visitavam os hibiscos, conhecidos pelos moradores como graxa, flores comuns na região. Após a morte de Joaquim Dias Guimarães, o terreno ocupado foi doado à paróquia de Santo Antônio, em 8 de maio de 1870. Dessa forma, deu-se início ao Arraial Beija-flor. Este se desenvolveu e se tornou o atual município de Guanambi – nome indígena que significa beija-flor.

Na história de Guanambi, a vida de uma jovem chamada Leocádia ocasionou uma significativa mudança nas relações sócio-culturais do local dando origem a um singular fenômeno religioso manifestado pelos moradores daquele município. Nessa pequena cidade, situada no sudoeste do estado da Bahia, há uma comunidade que se destaca: os devotos de “Santa Leocádia”. Para que se tenha uma melhor compreensão da cosmologia religiosa desse povo, é necessário conhecer a gênese da sua fé, que há mais de 100 anos vem sendo contada por meio de narrativas orais entre habitantes da cidade.

De acordo com os contos populares de Guanambi, a fé em Leocádia começou no final do século XIX, quando a cidade ainda possuía o nome de Arraial Beija-flor. Habitada por uma gente humilde, trabalhadora e muito religiosa, o local oferecia uma vida árdua no período da seca, período em que as generosas águas do rio Belém se limitavam a um ‘filete d’água’. Diante dessa situação, o Coronel José Pedro Dias Guimarães, um dos homens mais influentes do lugar e filho do fazendeiro Joaquim Dias Guimarães, comandou, em 1889, a construção de uma represa com o objetivo de

armazenar a água corrente. Tal obra era artesiana, realizada de forma bastante rudimentar e era chamada pelos habitantes da localidade de ‘tapagem’. Como a escravidão já havia sido abolida, pessoas de toda a região migraram para trabalhar na obra, a maioria era composta por escravos recém-libertos, mas havia exceções. Leocádia era uma delas. Ela era uma bela jovem de 16 anos e uma das poucas pessoas brancas que se dedicava a esse pesado trabalho. As tarefas da obra eram divididas pelo sexo: os homens ficaram responsáveis por cavar a terra com a pá e encher as gamelas – grande vasilha de barro cozido – que, por sua vez, eram carregadas em cima das cabeças das mulheres em direção ao rio, onde a terra era despejada com o intuito de formar uma parede de contenção. As horas de trabalho eram regidas pelo sol, o serviço começava com o seu nascer e acabava quando ele se punha. Era no próprio local de trabalho que se fornecia o alimento para os trabalhadores. Estes recebiam como pagamento semanal um pedaço de rapadura, tipo de doce feito do caldo da cana-de-açúcar.

Ainda segundo os relatos orais, Leocádia era muito humilde e sempre se trajava com roupas maltrapilhas, cujos rasgos alimentavam os olhares alheios. O Coronel José Pedro Dias Guimarães, encantado com a moça, a presenteou com um vestido, causando ciúmes em sua esposa, Dona Raquel, que, enfurecida, ordenou a dois capangas, Marcolino e Sebastião, que a matassem Leocádia e trouxessem um dos seus seios para que fosse cozido e servido de almoço para o Coronel J. P. Dias Guimarães. Três dias depois, em 26 de fevereiro de 1890, o corpo foi encontrado dentro do caldeirão do lajedo, em Caiçara. Ele foi enterrado ao lado da extensa laje pelos habitantes do arraial. Os algozes de Leocádia tiveram um destino trágico. Sebastião enlouqueceu, corria sem rumo dizendo as últimas palavras proferidas por Leocádia e, poucos dias depois, foi encontrado morto em um matagal do atual município de Malhada, na Bahia; Marcolino também foi encontrado morto na vultosa pedra conhecida como Toca do Índio, em Guanambi; e Dona Raquel, fugiu da cidade e foi para Pitangueiras, em São Paulo, onde manifestou em seu corpo a lepra, que na época era considerada uma das mais terríveis doenças. Segundo relatos, ela teve uma morte dolorosa.

A história de Leocádia é, sem dúvida, um marco na trajetória da história de Guanambi. A personagem Leocádia herdou o semblante de jovem pura e inocente e conquistou o posto de santa pelo/do povo da localidade. Após a sua morte, os habitantes de Guanambi começaram a visitar o seu túmulo para orar por aquela que eles acreditavam ser uma pessoa de alma pura. As orações passaram a ser cada vez mais freqüentes, os habitantes começaram a realizar as vigílias, ladainhas, romarias, além de

outras manifestações religiosas. As aclamações populares que, inicialmente, pediam descanso e paz para a jovem assassinada, cederam lugar para os pedidos pessoais de ajuda. O suposto êxito dos pedidos, que, segundos relatos, eram sempre atendidos, bem como a propagação da história por meio das narrativas da vida cotidiana, transformou a imagem de uma então “inocente Leocádia” para uma “Santa Leocádia”. Ela continua presente mais enfaticamente na comunidade que vive em torno do seu jazigo. Apesar de estar localizada há apenas 6 km do centro da cidade de Guanambi, a referida comunidade possui características marcadamente rurais e convive com a falta de energia elétrica, esgotamento sanitário, calçamento, escola, posto de saúde. Esse espaço social constitui-se em um recorte, uma fronteira, na qual estão presentes as mais diversas manifestações de fé. De acordo com Bhabha:

“Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (BHABHA, 1998, p. 19).

O espaço que compreende o lugar do assassinato e o local em que está enterrado o corpo de Leocádia, desde o final do século XIX, recebeu dos fiéis guanambienses o nome da suposta santa e foi transformado pelos próprios habitantes em um cemitério onde crianças da localidade, consideradas por eles como anjos, são sepultadas. Elas são identificadas por singelas cruzeiras feitas de estacas de madeira, fincadas no solo em torno do sepulcro da “santa”.

A história de Leocádia, emergida em um universo cultural pouco letrado e sendo alimentada pela oralidade, sensibiliza os moradores do lugar, condicionando muitas de suas ações.

### **3. Fundamentos teórico-metodológicos na análise da história de “Santa Leocádia”**

Para compreender a importância do conhecimento anterior para o entendimento do costume de uma determinada cultura, faz-se necessário estudar a relação entre o cotidiano da comunidade e todos os demais elementos (atuais e/ou pretéritos) que a constituem. Trata-se de analisar, segundo Bronckart (2003), os elementos que determinam o interacionismo social da comunidade estudada. Ainda segundo o referido autor, o interacionismo social:

“Adere à tese de que as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos.” (BRONCKART, 2003, p. 21).

No caso de Guanambi, a fé é uma sensível característica desse universo social que se manifesta desde a criação do que hoje corresponde a atual cidade, período anterior à gênese da fé em “Santa Leocádia”. Por isso, mesmo antes de Leocádia, o vilarejo já manifestava, nas ações de seus moradores, uma grande relação com elementos da religiosidade.

O interacionismo social mostra a importância de obter informações acerca do fato social no momento em que este ocorre, pois, com o passar do tempo, tais fatos poderiam ser esquecidos por aqueles que os vivenciaram. Contudo, ressalta-se também a existência de muitas formas de manifestação que já estão intrínsecas no comportamento da comunidade, mas que escapam à consciência dos atores sociais, dificultando, assim, sua transmissão pela linguagem oral.

Além do interacionismo social, o estudo do modo de vida dos fiéis faz-se essencial para a compreensão de suas práticas culturais e religiosas. De acordo com Certeau (1994), é por meio do estudo do cotidiano que é possível compreender a cultura. É no dia-a-dia de cada agente social, que suas ações revelam o poder proveniente de sua fé, um contexto que se enquadra no *habitus*, o conhecimento adquirido, defendido por Bourdieu (1989) que indica a disposição incorporada de um agente em ação. Nesse sentido, o respeito à santa do povo de Guanambi revela-se em simples gestos feitos pelos homens que passam em frente ao seu jazigo: o ato de cumprimentá-la retirando o seu chapéu.

Esses agentes sociais fazem orações, vigílias, ladainhas, penitências, promessas. E, mesmo sem o aval da Igreja Católica, acontece, em toda sexta-feira santa, uma romaria em homenagem à santa desse povo. Apesar de possuírem uma cultura religiosa popular que responde a normas próprias criadas pelo grupo, esses devotos da santa não reconhecida pela instituição da Igreja continuam afirmando que são católicos, fato que aparentemente soa como um paradoxo, mas que eles administram com harmonia. Canclini (1998) explica que figura na América Latina a cultura híbrida, que abrange diversas mesclas interculturais. Ainda segundo o autor, no Brasil, a hibridação começou com a sua colonização. Os lusitanos trouxeram sua cultura e difundiram a religião católica, utilizada, de uma forma bastante particular, por esses devotos de “Santa Leocádia”. Eles servem-se do que Chauí (1994) denomina de “brechas do catolicismo”, pois se apropriam de rituais católicos, modificando-os para idolatrá-la. É uma ‘convencionalização’, conceito cunhado por Rivers (apud BOSI, 1999), que é o

processo pelo qual informações recebidas de fora acabam assumindo uma forma de expressão ajustada às técnicas e convenções verbais já estabelecidas<sup>4</sup>.

Essas manifestações de fé fazem parte da memória coletiva, que constitui a identidade da sociedade. Obviamente, cada sociedade tem sua própria memória coletiva, uma memória em vivência em que afirma suas características *sui generis*. Nesse sentido, Halbwachs (2006) estabelece o conceito de memória coletiva para se referir sobre às determinações da consciência por quadros sociais. A memória coletiva é uma memória plural, devido ao fato de existirem várias memórias coletivas. Ela é presente, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.

#### **4. Lugares de memória em “Santa Leocádia”: considerações preliminares**

A memória coletiva atua no âmago da identidade social, sendo constantemente atualizada e modificada pelos indivíduos que a constituem. Nessa perspectiva, a sociedade formada pelos fiéis da “Santa Leocádia” preserva a tradição de aprender com as gerações anteriores e, na falta de uma significativa presença da escrita, a tradição oral tornou-se uma incontestável base de formação cognoscente, um sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimentos.

Evidentemente, os saberes e suas práticas não são transmitidos inteiramente prontos – imutavelmente constituídos –, eles são (re)construídos continuamente por meio de práticas sociais, exercícios em comum e fluxo de representações desse social. Sem a presença vigilante de outras instituições de base educacional, são esses próprios agentes sociais os principais formuladores e sentinelas da conduta moral da sua comunidade, evidentemente, condicionados por sua endêmica fé. Nesse sentido, as falas caracterizam-se como importantes instrumentos de elaboração de sentidos para o ordenamento social. Na comunidade que vive em torno do jazigo de Leocádia em Guanambi, assim como em várias outras que têm características semelhantes, é inegável a riqueza das fontes orais, por elas serem portadoras da memória dessa sociedade. São os seus agentes sociais mais idosos, os grandes atletas do exercício mnemônico. Por isso a necessidade de uma especial atenção às suas memórias individuais, que são as grandes responsáveis pela constituição da memória coletiva da comunidade.

Os ‘causos’, prática social que se manifesta por meio de conversas informais, são grandes responsáveis pelo cultivo da memória sobre a “Santa Leocádia”, são neles

---

<sup>4</sup> Apud F. C. Bartlett, p. 244. F. C. Bartlett Remembering

em que se socializam a história da vida e morte de Leocádia, bem como de suas supostas graças. Portanto, são nas freqüentes prosas entre parentes, amigos e vizinhos que a fé na santa desaprovada pela Igreja Católica é alimentada. Neste contexto, merecem destaque os mais idosos, os grandes portadores da memória dessa devota comunidade que se enquadram em um dos dois tipos básicos de narradores proposto por Benjamin (1994): o do camponês sedentário. Este é aquele que sempre viveu na comunidade e compartilha com seus integrantes as informações provenientes do seu conhecido ambiente. Ele dá conselhos baseados não só na suas próprias experiências, como também nas experiências de outrem, fazendo com que as experiências contadas sejam incorporadas às experiências dos ouvintes. É neste sistema de intercâmbio, em que todos participam do estabelecimento dos (re)-significados das normas sociais vigentes, que não só a cultura torna-se evidente, como também se modifica, construindo valores. Isso porque a cultura não é estática, pois, como o próprio nome indica, ela é cultivada e, portanto está sempre em fluxo.

A oralidade também coloca em evidência os casos das graças alcançadas, dos pedidos que foram atendidos. Dentre os vários casos de supostos milagres, o mais conhecido é o de José Antônio da Mota, vulgo José Coirânea, que, após sofrer uma queda que comprometeu seriamente a sua coluna vertebral, foi condenado pelos médicos da época à invalidez. Entretanto, após uma promessa feita por sua companheira à “Santa Leocádia”, ele foi curado. Cumprindo o que foi prometido, o próprio José Coirânea cuidou fielmente do jazigo de sua santa até ano de sua morte. Ele faleceu com 106 anos de idade e durante esse período nunca mais adoeceu. O fiel devoto deixou para “Santa Leocádia” um cruzeiro de concreto que estampa a seguinte mensagem: “Eterna Leocádia, lembranças de José Coirânea”.

Em Guanambi, o cruzeiro também representa origem. Este símbolo católico é um marco na história da cidade. Foi com a instalação do primeiro cruzeiro de madeira na atual Praça Gercínio Coelho, no início da década de 1880, que se criou o arraial de Beija-flor. O cruzeiro inicial do município foi retirado da praça e levado em procissão para Leocádia, atitude que evidencia a o poder condicionado pela fé.

A cultura de uma sociedade se faz presente também na sua maneira de ser, de conviver e de fazer no ambiente em que (com)vive. A interação homem ambiente deixa marcas mútuas. Sodré (1998) afirma que as manifestações culturais singularizam um lugar conferindo-lhe identidade. São as manifestações desses fiéis que tornam possível talhar o *locus* em que vivem como algo simultaneamente único e plural. O espaço

físico-social carrega, assim como o conjunto dos seus indivíduos, a síntese de todo um processo sócio-histórico. O lugar conta a existência daqueles que viveram e que continuam vivendo sobre si, isso faz afirmar a sua importância como parte constituinte da cultura de um povo. Como afirma Balandier:

“No decorrer de sua história, toda cidade se enriquece de lugares aos quais pode ser atribuída uma função simbólica, recebida por destinação, ou em virtude de algum acontecimento.” (BALANDIER, 1980, 11).

O assassinato de Leocádia em 1890 marcou significativamente um espaço geográfico ao qual foi atribuído um valor simbólico. O túmulo e o caldeirão no qual o corpo da jovem foi encontrado constituem o palco da romaria, o mais expressivo ritual coletivo de devoção. Segundo Nora (1993), esses são “lugares de memória”, simbolicamente constituídos.

O fato de o corpo de Leocádia ter sido encontrado no maior dos três caldeirões, reservatórios naturais onde se acumula água da chuva, instiga a imaginação. Dessa forma, no local em que, anteriormente, via-se apenas um buraco em um lajedado, hoje se tem a lembrança de um fúnebre caixão. Tal imagem é reforçada pelas constantes comparações de seu contorno físico natural com o de um esquife. O sepulcro vem, ao longo dos anos, adquirindo múltiplas faces, mas todas elas tem em comum o fato de representarem o sentimento de devoção. Os habitantes do lugar são os responsáveis por criarem e modificarem a superfície do jazigo. Dentre os mais de cem anos de existência, diferentes materiais e diferentes cores foram usados como demonstração do cuidado coletivo que eles têm para com o túmulo. Sempre antes das datas comemorativas originárias do calendário católico, como sexta-feira santa e dia de finados, alguns dos habitantes se reúnem e fazem aquilo que consideram uma atitude de devoção: coletivamente eles fazem a limpeza do local, preparando-o para receber as ações de fé que se seguem nos dias festivos. As manifestações incluem atos observáveis nos rituais católicos, como o de ascender velas, fazer penitências, orações, e cantigas típicas do catolicismo, pois apesar de as letras das canções, em alguns casos, fazerem referência a outros santos e outras situações, elas são cantadas como forma de homenagear a “Santa Leocádia”. Aqui, vê-se, mais uma vez a re-invenção do cotidiano, explicitada por Certeau (1994).

As constantes restaurações feitas por esses habitantes no sepulcro de Leocádia ocasionaram algumas modificações, como a alteração do ano de sua morte, que passou de 1890 para 1880. É o ano de 1890 que está estampado no cruzeiro de concreto doado por José Coirânea, é esta a data que foi escrita no túmulo na última grande restauração



feita em fevereiro de 2007 pelos moradores. O antigo ano de 1880 cedeu lugar à ferrugem instalada em uma cruz de ferro que mantinha a inscrição do dia e da data do assassinato da jovem. O crucifixo ficava em cima do jazigo e não resistiu às intempéries do tempo. Essa última restauração foi custeada por Anísio Nogueira, humilde morador de uma casa de pau-a-pique localizada próximo ao túmulo. Ele ficou inconformado com o fato de o sepulcro de sua santa ter sido alvo de vandalismo e doou uma quantia referente a 150,00 reais para a compra dos materiais de construção utilizados na reforma, que foi feita coletivamente, em uma espécie de mutirão. O senhor Nogueira, um camponês sedentário na visão benjaminiana, possui dois filhos enterrados nas imediações do túmulo de Leocádia. Eles morreram com 10 e 8 anos de idade e como as outras crianças sepultadas no lugar, também possuem o local do sepultamento marcado por duas varas de madeira em formato de cruz fincadas no solo. A atuação de Anísio é um evidente exemplo do condicionamento do seu comportamento por meio dessa fé de origem popular cultivada na memória coletiva da comunidade.

## **5. Considerações finais**

Atualmente, muitas das manifestações coletivas de fé a santa Leocádia não estão sendo exercidas como em seus primórdios, a exemplo das vigílias, ladainhas, penitências, romarias. De fato, observa-se um enfraquecimento dessas ações coletivas, mas isso não é o suficiente para dizer que essa singular fé popular acabou. A hipótese que levantamos em nossa pesquisa é que a fé na santa Leocádia está em processo de transformação, afinal, os moradores do entorno de Leocádia continuam afirmando que são devotos da santa não reconhecida pela igreja e, além disso, muitas manifestações individuais demonstram o condicionamento desses moradores por essa fé, afinal, ainda permanecem ações como tirar o chapéu diante do túmulo da santa, fazer orações e pedidos, dizer frases de interjeição que clamam por ela como, por exemplo: “Graças a Santa Leocádia!”, “Nossa senhora Leocádia que nos ajude!”.

Nesse sentido, entender o motivo do enfraquecimento das manifestações coletivas de fé é o principal objetivo da dissertação que está sendo desenvolvida no *Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade*. Trata-se, portanto, de verificar em que medida a comunidade do entorno de Leocádia está ressignificando suas práticas sócio-culturais.

## **6. Referências**

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Cultura híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência*. São Paul: Brasiliense, 1994.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Projeto História. Nº 10, dez, 1993.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.